TL699-1

Para: Fernanda dos Reis

De: Paulino Gama

RELATÓRIO DA ESTADIA E INTERVENÇÃO NA 47ª SESSÃO DA COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS EM GENEBRA, DE 18 ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1991.

Por

PAULINO GAMA
(Mauk Moruk)

PORTUGAL, Lisboa, aos 10 dias do Mês de Março de 1991.

P R E Â M B U L O

O meu trabalho e objectivos políticos nesta fase crucial da História do Povo Timorense é contribuir para a unidade e coesão de todos os que amam verdadeiramente a sua terra e o seu Povo, sem excepção, desde a UDT à FRETILIN, passando por grupos minúsculos sem peso e representatividade na vida política timorense que dêem mostras pelos seus actos, trabalho e apoios conseguidos de que são nacionalistas e que desejam de igual modo a autodeterminação e independência da nossa martirizada terra Timor-Leste, reforçando assim a Convergência Nacionalista Timorense UDT/FRETILIN - embrião do multipartidarismo que se quer instaurar futuramente em Timor.

Só com o nosso trabalho, só com as nossas acções quotidianas é que demonstramos se amamos ou não o nosso Povo e a nossa Terra; se estamos a contribuir para a unidade de todos os timorenses ou, pelo contrário, estamos a destruir essa unidade e essa coesão tão arduamente edificada e construída ao longo desses quinze anos de luta e que culminou com a formação da Convergência Nacionalista Timorense. Quão actual e válida o que afirmávamos na Resistência Armada: "Os nossos actos são o critério da verdade". Não basta afirmar de boca cheia e aos quatro cantos do mundo que se é nacionalista. O importante é actuar nesse sentido. As nossas afirmações e os nossos actos não podem contradizer-se. Senão,estamos a tentar enganar-nos a nós próprios, e, mais grave que isso, colaborar objectivamente com o inimigo, embora inconscientemente, para saquear, matar e violar o nosso Povo e retardar indefinidamente o processo de libertação de Timor-Leste.

Não é narcisismo da minha parte afirmar que eu já dei o melhor de mim próprio na luta contra a ocupação inimiga e já demonstrei à saciedade o meu trabalho em prol do meu Povo durante dez anos em que lutei de armas na mão lado a lado com os meus valorosos guerrilheiros, partilhando com eles o infortúnio da guerra que o inimigo indonésio nos impôs, tal como a maioria deles, a minha família quase toda dizimada, a minha esposa decapitada e os meus dois filhos mortos por envenenamento. É bom que os meus detractores tenham em conta o meu passado de Combatente da Pátria. Não vou, por modéstia, nomear os cargos de Chefia que ocupei na Resistência Armada,porém, uma coisa é certa: se os ocupei, foi porque os mereci.

Se eu tivesse continuado no mato - na Resistência Armada - ao lado do meu Companheiro de armas XANANA GUSMÃO, dos outros Comandantes e Guerrilheiros, os Senhores que hoje me vilipendiam estariam neste momento a lamber-me as botas... Enquanto estes Senhores comodamente instalados nos seus escritórios fora do cenário de guerra e longe do cheiro da pólvora, e enquanto outros tantos andavam de mãos dadas com o invasor indonésio em Timor, e em Jakarta e em outras partes do território indonésio, eu sofria toda a espécie de provações, na Resistência Armada, subindo e descendo montanhas, galgando serras, atravessando ribeiras caudalosas, dormindo ao relento e enfrentando um inimigo poderosíssimo cara a cara de armas na mão, expondo o corpo às balas assassinas do inimigo - a morte espreitando a cada momento e a cada passo, por detrás de cada arbusto, de cada pedra, de cada montanha e, por vezes, do céu das caças bombardeiros - sem a mínima queixa da minha parte, e sofrendo privações de vária ordem desde o afecto da família à fome e à sede, ao agasalho e à doença. Todos esses sacrifícios auto-impostos e auto-consentidos foram por amor a Timor e por imperativos eminentemente nacionais. Eu combati por Timor e pelo meu Povo. Combati como militar, com o estrito dever de defesa da Pátria, não privilegiando interesses partidários nem daquele de que fui Membro do Comité Central e um dos seus Quadros Superiores.

A minha conduta e postura políticas de ontem e de hoje são exactamente as mesmas. Ontem, de armas na mão no interior de território de Timor-Leste, hoje, a minha intervenção é no campo político-diplomático junto dos meus irmãos no exterior, trabalhando com aqueles que lutam verdadeiramente por Timor, ao contrário daqueles filhos desnaturados e oportunistas timorenses que usufruem de benefícios, tais como viagens intercontinentais como quem vai de Lisboa a Cascais, e negócios, "chupando" até à medula o seu Povo, que a "defesa" da nossa causa lhes proporcionam, relegando os interesses nacionais para o último plano e favorecendo interesses puramente partidários, lutando entre os seus membros pelo poder dentro dos respectivos partidos, e gerindo os seus interesses pessoais para Timor(?) com objectivos políticos ou comerciais inconfessáveis cujos resultados se antevêem nefastos e trágicos para o projecto de unidade nacional corporizado pela Convergência Nacionalista Timorense UDT/FRETILIN.

A actuação e o carácter de alguns dirigentes da FRETILIN no exterior ficou demonstrada à saciedade em Genebra, 47ª Sessão da Comissão dos Direitos Humanos, em Fevereiro 91. Antes de mais, os referidos dirigentes continuam com a mentalidade de 75, de "únicos e legítimos representantes" do Povo Timorense. Estratégica e matreiramente os aludidos dirigentes defendem a Convergência Nacionalista Timorense enquanto servir os seus interesses partidários, chegando um deles - o Senhor Mari Alkatiri - ao cúmulo de afirmar que a"Convergência Nacionalista é apenas uma ideia", quando em vida do Senhor Dr. Moisés da Costa Amaral era prática política, e considero prática política desde o seu lançamento até a presente data e mais, até à libertação de Timor com o regresso da administração portuguesa. Tive conhecimento desse "arroto" ainda em Jakarta através de informações a que tive acesso. Timor precisa de dirigentes com carácter, personalidade e firmeza nas suas actuações e postura políticas. O que se demonstrou até agora não lhes confere tais qualidades fundamentais num Chefe. Pelo contrário, são uns linguareiros, gostam de "cortar casacas", uns má-línguas, atitudes pouco dignificantes em pessoas que se dizem líderes, mas próprias de charlatães de política.

Enquanto tiver forças vou continuar a trabalhar por Timor na mesma linha de actuação política e com a mesma determinação com que enfrentava o inimigo de armas na mão como Comandante da Resistência Nacional para que a nossa martirizada Pátria e o nosso Povo alcancem no mais curto espaço de tempo a autodeterminação e independência.

oooOooo

Parti de Lisboa no dia 16 de Fevereiro de 1991 e cheguei a Genebra, em 17 de Fevereiro de 1991, pelas 13 horas e 30 minutos, num carro alugado por mim e conduzido por um timorense chamado João Mendes Gonçalves. Foram juntamente no carro duas Senhoras chamadas Beatriz Joaquim e Semoa Tilman.

No dia 18/2/91 - Participei na reunião da Comissão dos Direitos Humanos.

No dia 20/2/91 - Intervim na Comissão dos Direitos Humanos. Nesse dia foram distribuídas mais de 200 (duzentas) cópias do meu depoimento e informações recentíssimas de violações dos direitos humanos em Timor.

De 20 a 27/2/91- Fiz contactos com várias Organizações Governamentais e ONG - Organizações não-Governamentais de diversos países informando-lhes da situação política e das constantes violações dos direitos humanos em Timor.

Regressei à Lisboa, Portugal, em 28/2/91, onde cheguei, em 2/3/91.

Durante a minha estadia em Genebra, Suiça, deparei com um ambiente de hostilidade em relação à minha pessoa por parte de alguns timorenses e da Senhora D. Ana Nunes, membro de uma Organização Não-Governamental sediada em Portugal que diz defender a causa timorense. Esta Senhora deixou-me estupefacto quando quis saber do meu bilhete de viagem e exigiu que lho apresentasse. Eu repliquei-lhe sem perder a calma que não era da sua competência fazê-lo e que era absurdo meter-se em assuntos que não lhe dizem respeito, e acrescentei que existem Organizações ditas de Solidariedade para com o Povo "Maubere" que procuram sobressair como defensores da causa timorense, mas que mais parecem estar a gerir os seus próprios interesses do que os do Povo de Timor. Depois desta conversa a referida Senhora não mais voltou a dirigir-me a palavra. Numa conversa anterior, porém, ela pediu que eu lhe facultasse o meu depoimento e informações mais recentes sobre Timor, mas não lhe satisfiz o pedido devido ao seu comportamento estranho.

Com respeito aos timorenses presentes em Genebra, nomeadamente os Senhores Mari Alkatirie José Luis Guterres, dirigentes da FRETILIN, e João Mendes Gonçalves, Beatriz Joaquim e Semoa Tilman, simpatizantes do mesmo partido, eu não me apercebi imediatamente do porquê de suas atitudes hostis. Constatei depois que o móbil era o conteúdo do meu depoimento. Não estranhei, pois considero isso como uma reacção normal em radicais,ultrapassados tanto pela conjuntura internacional como pelos acontecimentos político-militares ocorridos em Timor-Leste. Refiro-me naturalmente ao valoroso Comandante Supremo da Resistência Nacional Timorense, XANANA GUSMÃO, que decidiu, em boa hora, tão idónea e sabiamente colocar o interesse nacional acima dos interesses partidários, ao desvincular-se da direcção da FRETILIN e pôr as FALINTIL - outrora braço armado da FRETILIN - ao serviço da Resistência Nacional Timorense, dando forma à Convergência Nacionalista Timorense UDT/FRETILIN, única Organização que conseguiu merecer o consenso e o apoio de todos os timorenses, à excepção dos extremistas que, em vez de se regozijarem com esse marco histórico para o Povo de Timor, não só protelaram a sua divulgação no exterior do território durante mais de um ano, só o fazendo quando já era do conhecimento público, como consideraram isso uma traição à FRETILIN, chegando um dirigente "maubere", mais concretamente o Senhor José Ramos Horta, ao ponto de,

em Assembleia promovida pela FRETILIN, exprimir-se nestes termos: "Eu estou-me cagando (...), se a UDT quiser, pode ficar com o XANANA(...)". Presentes estavam representantes da UDT e muitos timorenses convidados, entre eles o falecido Monsenhor Martinho da Costa Lopes.

Uma vez ao corrente do conteúdo do meu depoimento, quiseram, quase por imposição, que eu apenas falasse do aspecto político, deixando de lado as violações dos Direitos Humanos, sobretudo as violações cometidas por timorenses contra os seus próprios irmãos e o Tenente-Coronel Rui Maggiolo Gouveia - Oficial Superior do Exército Português - que foram barbaramente fuzilados e enterrados em vala-comum, em Aileu, em Janeiro de 1976 - período negro da nossa História de que nos devemos penitenciar. E sobre tão hadiondo crime nos interrogamos a nós mesmos, como foi possível termos chegado ao ponto de sermos carrascos de uma parte do Povo ao qual pertencemos! Eu disse-lhes que tudo o que está no meu depoimento sobre os Direitos Humanos se baseia em factos de que fui testemunha, e, em alguns momentos, interveniente directo, como nos casos de libertação de cerca de 250 (duzentos e cinquenta) presos políticos nas prisões da FRETILIN, em Aileu e Same. Além destes ainda libertei muitos outros presos em outros locais. Sobre estes casos, há algumas testemunhas vivas que se encontram neste momento refugiados em Portugal. Refiro-me ao Senhor Manuel Soares, um dos 250 (duzentos e cinquenta) presos políticos por mim libertados, e o Senhor Eduardo Costa, residente na Amadora, na altura carcereiro das prisões de Aileu e, posteriormente, também carcereiro em Same, os quais assistiram ao cerco e neutralização dos guardas prisionais e à libertação dos referidos presos. Argumentei que todos os casos referentes às violações dos Direitos Humanos ocorridos em Timor, cometidos por quem quer que seja, indonésios ou timorenses e de que fui testemunha, teriam de ser apresentados na Comissão dos Direitos Humanos da ONU. E, acrescento aqui, neste Relatório, que devemos reconhecer os nossos próprios erros para que possamos ter autoridade moral para condenarmos os crimes perpretados pelas forças armadas invasoras, em fóruns internacionais.

Infelizmente, os referidos timorenses ainda não reestruturaram a sua mentalidade terceiro-mundista, próprio de "República das Bananas", defensores de partidos únicos, de "slogans" e de palavras de ordem infantis como "únicos e legítimos representantes do Povo".

Pior do que isso, timorenses há, como é do conhecimento geral, que se acomodaram de tal forma aos privilégios resultantes dos muitos milhões de "Rupias" e outras facilidades concedidas pelos PALOPs - - Países Africanos de Expressão Portuguesa - e pelas mais diversas Organizações Internacionais de Solidariedade para com a causa timorense - que só eles sabem -, que não querem a todo o custo perder esse "bolo chorudo" que têm vindo a"saborear" há quinze anos, em nome do Povo de Timor, e nunca tiveram, em momento algum, a mínima preocupação em canalizar parte dessas ajudas para minimizar a situação dificílima por que passam diariamente os nossos irmãos de Resistência Nacional desde há quinze longos anos a esta parte. Daí que dirigentes de partido, cuja missão primordial é defender os interesses do Povo de Timor de que são filhos, se foram transformando paulatinamente em empresários e/ou administradores de empresas do partido, fazendo de suas não poucas deslocações ao estrangeiro ao mesmo tempo viagens ao serviço de Timor e de negócios. Pobre Povo "Maubere" que tão ingenuamente ainda acredita nesses "líderes". Até quando?!!!...

Outro facto que me deixou também atónito foi o de dirigentes políticos com viagem e estadia pagas pelo Governo Português, não terem tido a mínima preocupação em acompanhar as sessões da Comissão dos Direitos Humanos, e quando o faziam, chegavam sempre atrasados. Em vez disso,passavam a maior parte de tempo a fazer "lobby" nos cafés onde o tema das conversas se centrava quase invariavelmente sobre "saias" e "cortes de casaca" ao Senhor Abílio de Araújo, e não só, - referindo-me concretamente aos Senhores dirigentes da FRETILIN, Mari Alkatiri e José Ramos Horta, e ao simpatizante desse partido João Mendes Gonçalves.

Um dia, estando eu muito atarefado em tirar cópias do meu depoimento para as distribuir aos representantes dos Governos e ONGs - - Organizações Não-Governamentais, e preocupado em estar também presente nas reuniões da Comissões e nas reuniões-extras das ONGs, foram ter comigo os referidos timorenses pedindo-me apoio na reprodução e distribuição dos seus documentos. A minha resposta foi um não, como não podia deixar de ser, e disse-lhes ainda que não deviam perder tanto tempo nos cafés com conversas estéreis (utilizei outros termos), porquanto a missão deles era fazer algo por Timor de quem dizem ser representantes, portanto, deviam procurar garantir a divulgação dos seus documentos, bem como a sua presença

permanente nas Sessões da Comissão e os contactos com Organizações Governamentais e ainda a sua presença em reuniões por elas promovidas. Sugeri, para coordenação dessas actividades, uma reunião entre nós. Contudo, o Senhor Mari Alkatiri, com ares de "líder" disse: "Eu não venho para ouvir discursos, pois de discursos estou eu farto, quero que façam alguma coisa". Ao que eu repliquei que nós os timorenses devemos ser os primeiros interessados na solução do nosso problema, portanto,devemos procurar fazer algo por nós próprios, em vez de esperarmos que outros o façam por nós. Disse ainda que o Governo Português me tinha pago a passagem e a estadia não para mostrar a minha cara, mas para depor perante a Comissão, contribuindo com a minha quota-parte para a causa timorense e participar activamente em todas as actividades que dizem respeito a Timor.

Noutra altura, foram de novo ter comigo, tentando convencer-me a apoiá-los na reprodução de documentos, alegando que tanto os responsáveis como a segurança se davam bem comigo, mas eu rejeitei-lhes o pedido. Vim a saber depois que o Senhor Mari Alkatiri, acompanhado dos Senhores João Mendes Gonçalves, Beatriz Joaquim e Semoa Tilman tinham sido repreendidos na Secção de Fotocópias por atitudes incorrectas.

Outro aspecto a assinalar. Todos eles, desde dirigentes da FRETILIN e seus acompanhantes se mostraram insatisfeitos comigo, por eu ter falado com o Senhor Francisco Lopes da Cruz. Insistiram comigo para que com eles tomasse atitudes inamistosas em relação a ele, próprias de quem carece de maturidade e idoneidade política e democrática. A minha postura, porém, foi outra e cumprimentámo-nos normalmente como mandam as regras de boa educação, até porque ele é um timorense como eu, e, em democracia, os nossos adversários políticos não têm que ser necessariamente nossos inimigos. Além disso, não ia com eles tomar atitudes ridículas perante tantas pessoas, muitas das quais representantes de países ou organizações ali presentes. Francamente, não acredito que esses Senhores sejam um dia capazes de viver em Democracia!

Devo referir que o meu depoimento teve um grande impacto junto das mais variadas Organizações Governamentais e ONGs, não só por conter relatos de factos que testemunhei, como por eu ter sido um dos mais destacados Comandantes da Resistência Nacional durante 10 (dez) anos, e, por ainda conter notícias muito recentes sobre as violações dos Direitos Humanos em Timor.

Disso me apercebi, porquanto muitas das referidas Organizações me informaram que, em sessões anteriores, as informações sobre Timor eram muito escassas, daí que surgissem poucos apoios por parte dos países e organizações que se solidarizam com o Povo de Timor na luta pela sua libertação.

Sem querer "puxar a brasa à minha sardinha", constatei que os documentos elaborados pelos timorenses acima referidos não tiveram grande aceitação, havendo até Organizações que se recusaram a recebê-los por de antemão saberem que não dispunham de informações concretas e objectivas. E isso foi confirmado quando esses Senhores começaram a queixar-se de que havia Organizações que não os viam com bons olhos e recusaram os seus documentos. Não foi, portanto, por acaso que eles insistiram tanto comigo para que eu regressasse depressa, naturalmente, para que eu não me apercebesse dos factos acima referidos.

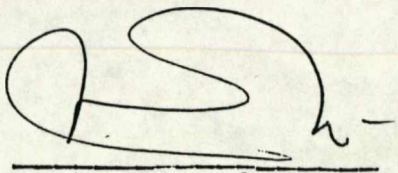
Para finalizar, devo dizer que esses Senhores, não satisfeitos com o meu testemunho na Comissão dos Direitos Humanos em Genebra, usaram de todos métodos para me desacreditar junto da Comunidade Timorense e não só, acusando-me de estar ao serviço da UDT - União Democrática Timorense, de andar a denegrir a FRETILIN, de acusar XANANA GUSMÃO - meu Companheiro de Luta durante 10 (dez) anos - de "ditador e comunista", além de outras acusações. Não contentes com isso tudo, ainda me acusaram de "bufo" da Indonésia e de falar em Genebra a favor dos indonésios.

Todos os elementos da FRETILIN responsáveis pelo massacre de Aileu, desde autores morais a executores e simples carcereiros, em que foram fuzilados centenas a milhar de irmãos timorenses, entre eles, o Tenente-Coronel Rui Maggiolo Gouveia, em Janeiro 76, e enterrados em vala-comum, não irão escapar à Justiça. Os defensores do massacre não podem invocar o argumento guerra civil para justificar tal crime e, assim, furtarem-se à Justiça, porquanto se estava em plena invasão indonésia.

Não perderei tempo nem energia em refutar tais acusações. Os documentos que são da minha autoria produzidos desde a minha chegada a Portugal, as entrevistas aos Órgãos de Comunicação Social e um desmentido à Revista "SÁBADO" que são do conhecimento público, os cerca de 4 (quatro) anos no Hospital Psiquiátrico Militar de Jakarta e a minha prática ao longo de 10 (dez) anos de luta junto

do Povo Timorense contra o invasor indonésio, falam por si. Com efeito, quando chegar o dia de libertação de Timor-Leste, estarei pronto para, com serenidade, me submeter ao veredicto popular. E será bom que também esses Senhores e outros dirigentes timorenses se preparem, desde já, para esse dia.

Lisboa, 10 de Março de 1991.



Paulino Gama
(MAUK MORUK)

Em anexo: Depoimento e informações...